

Bresser ameaça

Economia

O ESTADO DE S. PAULO — 33

ampliar a moratória

O ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, acusou ontem os bancos oficiais de não estarem cumprindo sua parte no acordo feito com o Brasil e ameaçou suspender os pagamentos de juros a essas instituições. Ele citou especificamente os bancos ligados ao Clube de Paris (bancos oficiais de governos) e isentou o Banco Mundial e o BID, que "estão colaborando".

"O Clube de Paris precisa começar a colaborar", disse o ministro a O Estado, explicando o que entende por colaboração: "O Brasil vem pagando em dia os juros de suas dívidas com esses bancos oficiais, mas não está recebendo qualquer contrapartida em dinheiro novo".

Bresser Pereira espera que esses bancos emprestem "dinheiro novo" em valor idêntico ao que o Brasil está pagando de juros, o que significaria, este ano, menos de US\$ 2 bilhões. "Mas eles não estão cumprindo a parte deles", insistiu o ministro. Informou que caso essa situação persista, o Brasil será obrigado a suspender o pagamento de juros também para os bancos oficiais, a exemplo do que fez com os privados a partir de fevereiro último.

Reservas já estariam em US\$ 2,5 bilhões

"Temos que mostrar as nossas garras", disse Bresser Pereira, mas, em seguida, afirmou que pretende manter ótimas relações com os bancos. "Por isso, não acredito que eles mantenham sua posição de negar novos créditos. Mas se acontecer, o País não vai ficar sem reservas. Suspendemos o pagamento dos juros."

Segundo fonte do BC, as reservas já teriam caído para US\$ 2,5 bilhões (conceito operacional) no final do mês passado. Em fevereiro, quando foi anunciada a moratória, o presidente Sarney disse que o País tinha US\$ 3,9 bilhões.

O ministro falou também sobre o



Claudiné Petrolí

Bresser: "Temos de mostrar as nossas garras"

assunto durante o programa *Crítica & Autocrítica*, transmitido domingo à noite pela TV Bandeirantes. Disse suspeitar que os bancos oficiais estão tomando essa atitude numa "espécie de solidariedade" aos bancos privados. E admitiu a suspensão do pagamento de juros ao Eximbank norte-americano, Eximbank do Japão e às instituições similares da França, Inglaterra e Alemanha, embora tenha salientado sua expectativa de que os governos venham a restabelecer o fluxo de recursos.

DIFÍCIL

Funcionários governamentais disseram em Brasília, contudo, que essa expectativa do ministro está cada vez mais distante dos fatos. Os governos dos países só restabelecerão os créditos se o FMI apresentar ao Clube de Paris um relatório favorável sobre a economia brasileira. O relatório será feito pela missão que

deixar Brasília hoje, após 23 dias de coleta de dados.

Interlocutores que estiveram com o chefe da missão do FMI, Thomas Reichmann, transmitiram o desalento do grupo com a perda do controle sobre o déficit público. A equipe não conseguiu obter dados fechados sobre o nível do déficit no ano passado e sobre o previsto para este exercício, dadas as discrepâncias dentro do governo.

Se o relatório do FMI a ser apresentado aos governos credores do Clube de Paris reprovar o Brasil e o governo não tiver condições de convencê-los com um programa econômico confiável, os norte-americanos, europeus e japoneses poderão manter o Brasil sob jejum financeiro, forçando o governo a ampliar a moratória, uma decisão que tem timing certo para ser adotada, provavelmente em meados de julho.